

A graça e a desgraça das relíquias do judaísmo. O sermão de Frei Diogo da Anunciação Justiniano, arcebispo de Cranganor e as suas respostas

CARLA VIEIRA*



OPEN ACCESS

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa. Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste, FLUL
<https://orcid.org/0000-0002-7632-3776>
cccvieira@gmail.com

Resumo: Este artigo analisa a reação inédita da comunidade judaica de Londres a um sermão de auto-da-fé. A pré-dica de D. Frei Diogo da Anunciação Justiniano no auto de 6 de Setembro de 1705, em Lisboa, motivou o rabi da congregação londrina, David Nieto, a redigir uma resposta, impressa já depois da sua morte em 1728. O mesmo sermão geraria ainda uma segunda resposta, obra de um judeu português anónimo. Serão aqui questionadas as razões pelas quais este sermão ocasionou duas obras que, no seu género, são casos únicos no âmbito da produção literária judaica em Inglaterra e cuja origem e objetivos se enquadram num momento de crescimento da comunidade de Londres, na sequência da chegada de novos elementos acoçados pelas inquisições ibéricas. A última parte do artigo abordará o percurso do sermão e da resposta de Nieto, em Inglaterra e nos Estados Unidos da América, na primeira metade do século XIX. Então, os dois textos, reimpressos e traduzidos, são reapropriados num contexto distinto daquele que gerou a sua produção: o proselitismo cristão emergente promovido por organizações protestantes e a respetiva resposta das comunidades judaicas a esta nova “ameaça”.

Palavras-chave: Parenética, Literatura de polémica, Inquisição, Judaísmo.

Fortune and misfortune of the relics of Judaism. The sermon of D. Frei Diogo da Anunciação Justiniano, the Archbishop of Cranganor, and its two replies: circulation and reappropriation

Abstract: This paper analyses the unique reaction of the Jewish community of London against a sermon of auto-da-fé. The sermon preached by D. Diogo da Anunciação Justiniano on the 6th of September of 1705, in Lisbon, led the rabbi David Nieto to write a reply, which was printed after his death in 1728. The same text would generate another reply written by an anonymous Portuguese Jew. This paper will enquire the reasons behind the fact of this sermon have caused two texts without precedent in the context of the Jewish literary production in England, and whose origin and aims are framed within a growth phase of the Jewish community of London, nourished by newcomers fleeing from the Iberian Inquisitions’ persecution. The last part of this paper will approach the path of the sermon and its first reply in England and the United States of America during the first half of the nineteenth century. Then,

* Boleira de Pós-Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BPD/109606/2015). Uma versão preliminar deste estudo foi apresentada no Congresso Internacional *Identidade e Memória Sefardita: História e Actualidade* (Bragança, 15-17 Junho 2017). Entretanto, o desenvolvimento da pesquisa e a reflexão sobre outras questões então não consideradas, nomeadamente relativas à receção dos textos aqui analisados, surgem agora, pela primeira vez, aqui expostos. Gostaríamos de agradecer os comentários e sugestões pertinentes do avaliador anónimo deste artigo.

both works were reprinted and translated, as well as readapted to a different framework: the emergent Christian missions promoted by Protestant organizations and the reaction of the Jewish communities against this new threat.

Keywords: Sermon, Polemical literature, Inquisition, Judaism.

Um sermão de auto-da-fé pregado e impresso em Lisboa ocasiona duas respostas escritas no seio da comunidade judaica de Londres: este facto poderá não parecer, a um primeiro olhar, extraordinário. O dito sermão foi proferido por D. Frei Diogo da Anunciação Justiniano (1654-1713), antigo arcebispo de Cranganor, no auto de 6 de Setembro de 1705¹. As duas respostas surgem impressas em Londres em data incerta, mas seguramente depois de 1728, num momento de intenso crescimento da comunidade sefardita estabelecida na cidade. Muitos dos recém-chegados guardariam vivas na memória as exortações dos pregadores contra a esperança na vinda do Messias, enquanto parentes e amigos, ou mesmo eles próprios, aguardavam pela leitura das sentenças. Seria expectável que esse vínculo emocional ao momento do auto e às palavras então ouvidas desencadeasse reações *a posteriori*.

Porém, *Respuesta al Sermon Predicado por el Arçobispo de Cangranor enel Auto da Fé Celebrado en Lisboa, en 6. Setiembre Anno 1705* e *Ante exordio â Resposta do Sermam que o Arçobispo de Cranganor, Pregou no Auto da Fé. Que fes em Lisboa, em 6 de Setembro de 1705* são exemplares únicos de invetivas contra um sermão de auto-da-fé escritas e/ou impressas em Londres². Note-se que, considerando apenas as três primeiras décadas de Setecentos, foram treze os sermões proferidos em autos em Lisboa, Coimbra e Évora que chegaram aos prelos³ e um só suscitou duas respostas.

-
- 1 Diogo da Anunciação Justiniano – *Sermam do Auto da Fe, Que se celebrou na Praça do Rocio desta Cidade de Lisboa, junto dos Paços da Inquisição, em 6. de Setembro do Anno de 1705...* Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galrão, 1705 (daqui para a frente, referido como *Sermam do Auto da Fe 1705*). O exemplar citado é o que se conserva na Biblioteca Nacional de Portugal, com a cota R 6841/14 P., disponível online em <http://purl.pt/28695>. Em 1705, D. Diogo da Anunciação já não era arcebispo de Cranganor. Cinco anos antes, renunciara ao cargo, sem nunca ter chegado a embarcar para a Índia. Desde 1703, era bispo coadjutor e provisor do arcebispado de Évora (vide Pedro Vilas Boas Tavares – D. Diogo da Anunciação Justiniano, Arcebispo de Cranganor, perante a Corte de Roma. In *Congresso de História do IV Centenário do Seminário de Évora. Actas*. Vol. I. Évora: Instituto Superior de Teologia – Seminário Maior de Évora, 1994, p. 221-240). Porém, D. Diogo é ainda denominado “arcebispo” no *Sermam*, sendo essa a designação que acaba por se perpetuar no percurso posterior do texto e das respetivas respostas. Assim, iremos também utilizar a expressão “arcebispo de Cranganor” neste artigo, admitindo, desde já, o anacronismo da designação.
 - 2 *Respuesta al Sermon Predicado por el Arçobispo de Cangranor enel Auto da Fé Celebrado en Lisboa, en 6. Setiembre Anno 1705. Por el Author de las Noticias Reconditas de la Inquisicion. Obra Posthuma. Impresso en Villa-Franca por Carlos Vero. A la Insignia de la Verdad; Ante exordio â Resposta do Sermam que o Arçobispo de Cranganor, Pregou no Auto da Fé. Que fes em Lisboa, em 6 de Setembro de 1705. Feyta por hum Anonimo Só por Gloria de Deos, a quem toda a dedica, para que a ampare; Por Credito da Verdade em que toda a funda, para que claramente se veja; e por desengano de Superstiçoens, a todos os Papistas para que se arrependam e desenganem dos Erros, e Enganos, com que este seo Pregador, e todos os mais lastimosamente os trazem enganados. Impresso em Turim, Na Officina de Jorge de Cervantes. Com todas as Licenças necessarias. Anno 1709.* Daqui para a frente citados como *Respuesta al sermon* e *Ante exordio*, respetivamente.
 - 3 Vide Rosemarie Erika Horch – *Sermões impressos dos autos da fé*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969; Edward Glaser – Portuguese Sermons at Autos-da-Fé: Introduction and Bibliography. *Studies in Bibliography and Booklore*. 2:2 (1955) 71-74.

A primeira questão que irá nortear o presente artigo prende-se com as razões de tal impacto do sermão de D. Diogo de Anunciação junto da comunidade judaica de Londres. Após o estudo do conteúdo e do contexto de redação das duas respostas, o sermão do arcebispo de Cranganor será alvo de análise em confronto com outros textos congêneres (sermões proferidos e impressos entre 1705 e 1727⁴), na tentativa de compreender as eventuais características internas do discurso que poderiam ter ocasionado a necessidade de uma réplica tão enfática. A segunda parte deste artigo irá abordar o percurso do sermão desde Lisboa até Londres, em particular o papel dos agentes envolvidos neste processo, e, por fim, a sua circulação posterior, junto com a primeira resposta, dando especial relevo à apropriação e adaptação a circunstâncias e intenções díspares das que originaram a produção de ambos os textos.

1. *Respuesta al sermon e Ante exordio*: duas respostas distintas a um mesmo sermão

O frontispício de *Ante exordio* revela que este teria sido impresso em Turim, na oficina de um “Jorge de Cervantes”, no ano de 1709. Em *Respuesta al sermon*, a data de impressão é omitida, indicando apenas que se trata de uma obra póstuma do mesmo autor “de las Noticias Reconditas de la Inquisicion”, referência à coletânea de textos de teor anti-inquisitorial publicada em Londres em 1722, na qual figura a relação anónima sobre os procedimentos da Inquisição Portuguesa redigida por ocasião das negociações que conduziram à suspensão da atividade do tribunal entre 1674 e 1681⁵. O local de impressão e o nome do impressor surgem expressos como “Villa-Franca por Carlos Vero”.

Quase todos estes dados são falaciosos. O recurso a pseudónimos, bem como a locais de impressão falsos e datas fictícias, eram estratégias correntemente usadas em obras cujo sucesso da disseminação dependia da capacidade de contornar as barreiras levantadas por mecanismos de controlo⁶. O equívoco criado pelas

4 Este limite cronológico enquadra o período que medeia o sermão do arcebispo de Cranganor e as respetivas respostas. Os sermões analisados foram os seguintes (nome do autor, local do auto, ano do auto/ano da impressão): Cristóvão de Santa Maria, Coimbra, 1706; Francisco de Santa Maria, Lisboa, 1706; José de Oliveira, Lisboa, 1707; Bernardo Telles, Lisboa, 1709; Diogo da Anunciação Justiniano, Évora, 1710; Francisco Pedroso, Lisboa, 1713; Bernardo de Castelo Branco, Coimbra, 1713/1714; Caetano de São José, 1714/1715; Francisco Vieira, Coimbra, 1718; Francisco de Torres, Coimbra, 1720; José do Nascimento, Coimbra, 1726; José dos Anjos, Coimbra, 1727.

5 Vide Giuseppe Marcocci e José Pedro Paiva – *História da Inquisição Portuguesa 1536-1821*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2013, p. 202-209; Yllan de Mattos – Uma batalha de papéis: a suspensão e as críticas à Inquisição Portuguesa (1670-1674). *Revista de Historia Moderna*. 33 (2015) 33-55.

6 O recurso a locais de impressão fictícios seria uma manobra bastante comum, como testemunham as palavras que um papelista, Lourenço Justiniano Pacheco, quis fazer chegar às mãos da Inquisição de Lisboa em meados do século XVIII: “De tudo isto se vê a grande cautela, que he necessaria neste particular, e muito mais com os Livros, que vêm de fora, impressos em Londres, Amsterdão, Roterdão, Ginebra, e em outras partes suspeitas, e ainda tambem nas menos suspeitas, por precaver a malicia, com que se pôde inculcar por impresso em Roma, Pariz, Madrid, ou em qualquer outra povoação de Catholicos Romanos hum livro realmente estampado em alguma das Colonias da heresia” (Arquivo Nacional Torre do Tombo [ANTT], Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, liv. 441, fl. não numerado).

informações patentes nos frontispícios desvanece-se através do confronto com o conteúdo das duas obras, em particular de *Ante exordio*, como já bem evidenciou Herman Prins Salomon⁷. Como contraponto aos argumentos do arcebispo de Cranganor, o autor anónimo alude à “Resposta que hum doutissimo Haham de felis memoria, deu a este Sermam”⁸, uma referência a *Respuesta al Sermon*. O dito *Haham* era David Nieto, líder espiritual da comunidade judaica de Londres desde 1701 até à sua morte em 1728, ano que marca o limite cronológico a partir do qual foi impresso *Respuesta al Sermon* e, posteriormente, redigido e publicado *Ante exordio*⁹.

Este excerto é igualmente revelador da associação de David Nieto à compilação e impressão da coletânea *Noticias Reconditas y Posthumas*. Ambas apresentam “Villa Franca” como local de impressão, uma menção fictícia, não desprovida de simbolismo, que visa ocultar a verdadeira origem das duas obras, ou seja, Londres. O mesmo acontece com a menção a Turim no frontispício de *Ante exordio*. Analisando as características físicas de um exemplar da obra, H. P. Salomon aponta a hipótese desta segunda resposta ter sido igualmente impressa em Londres. Esta conjectura é reforçada pelo facto de o *Ante exordio* se apresentar como um texto complementar de *Respuesta al sermon*, partilhando terminologia e argumentos similares, se não mesmo comuns¹⁰. Além disso, o recurso constante ao termo “papista”, inclusivamente no próprio título¹¹, indicia uma redação em contexto não predominantemente católico, possivelmente anglicano, como prova o emprego corrente da expressão na literatura de polémica anti-católica inglesa¹².

Não obstante a influência da resposta de Nieto na composição de *Ante exordio*, estamos perante duas obras distintas na sua essência. *Respuesta al sermon* é, fundamentalmente, um escrito de cariz teológico com o objetivo de desmontar, parágrafo a parágrafo, a argumentação do arcebispo de Cranganor. “El intento fue defender la Religion Judaica, no ofender la Xptiana”¹³, assim surge resumida a sua principal motivação, de acordo com o prefaciador e responsável pela publicação póstuma da obra¹⁴.

7 Herman Prins Salomon – New Light on the Portuguese Inquisition: the second reply to the Archbishop of Cranganor. *Studia Rosenthaliana*. 5:2 (1971) 178-186.

8 *Ante exordio*, p. 35-36.

9 “Este Sermão [do arcebispo de Cranganor] encontrou um adversário implacável na pessoa dum Judeu, erudito e prestigioso entre os seus correligionários – David Nieto, Haham em Londres [...]”. Já nos anos 20, Mendes dos Remédios identificava assim Nieto como autor de uma resposta ao dito sermão. Equivoca-se, porém, ao citar e analisar *Ante exordio*, ao invés de *Respuesta al Sermon* [Mendes dos Remédios – Sermões em «Autos-da-Fé». *Biblos*. 1ª série. 3 (1927) 10-14].

10 Herman Prins Salomon – New Light on the Portuguese Inquisition: the second reply to the Archbishop of Cranganor..., p. 180-181.

11 Vide nota 2.

12 Samuel Chandler – *The History of Persecution in Four Parts... Under the Papacy and Inquisition...* Londres: J. Gray, 1736. John Marchant – *The Bloody Tribunal or, an Antidote against Popery...* Londres: Judith Walker, 1756. *Authentic Memoirs concerning the Portuguese Inquisition... also, Reflections on Ancient and Modern Popery...* Londres: W. Sandby, 1761.

13 *Respuesta al sermon*, p. iii.

14 Israel Solomons aponta a hipótese de o autor do prefácio ser o filho do autor, Isaac Nieto (1687-1773), que, seguindo o percurso do pai, assumiu a posição de rabi da congregação de Londres em 1733 (Israel Solomons – *David Nieto, Haham of*

De facto, raras são as incursões de Nieto além do conteúdo do sermão. O tom é, em geral, objetivo e desapassionado. Porém, a adulteração do sentido dos textos rabínicos num discurso dirigido a um público a quem o acesso aos mesmos estava vedado acaba por provocar uma reação mais enérgica do autor, aludindo então às circunstâncias em que o sermão fora proferido:

“Valgame Dios! y que cosa tan ridicula, a los ojos de los Desapacionadas Naciones, parece, el que se ponga un Hombre Eminente en su Profecion, de alto grado en la Prelacia, a disputar con Personas, que no le pueden responder, a alegarles con Libros que no les es permitido Leerlos, y que con todo esso le es preciso torcer, y mutilar los Passos dela Sagrada Escritura, para poder provar lo que pretende persuadir.”¹⁵.

Embora *Respuesta al sermon* seja efetivamente um texto de controvérsia, não é uma obra anti-inquisitorial na sua essência, apesar de ter como alvo um sermão de auto-da-fé. Ao longo de todo o texto, o termo “Inquisicion” surge apenas duas vezes: primeiro, quando o autor ironiza sobre o facto de o arcebispo recorrer a Nicolau de Lira para fundamentar os seus argumentos, “[...] quando enla suprema Inquisicion de Roma, no se admite acusacion de Neofito contra Judio”¹⁶; depois, ao evidenciar as posições díspares adotadas por católicos e judeus face ao acesso à controvérsia religiosa¹⁷.

Diferente é a abordagem do autor do *Ante exordio*. Embora a maior parte da obra seja dedicada à objeção das premissas do arcebispo, com um recurso sistemático aos argumentos de *Respuesta al sermon*, a sua tese central – aqueles que o arcebispo apelida de “desgraçadas relíquias do Judaísmo” são antes ditosos perante Deus, enquanto “Archivo da sua Palavra, Memoria, Conservaçam, e Lembrança, de sua santa Ley”¹⁸ – alarga o espectro do discurso além do sermão de 1705 e direciona-o para o Tribunal do Santo Ofício. Segundo o autor, a Inquisição operava, de facto, como um instrumento da Providência, mas não no sentido entendido pelos seus ministros. Involuntariamente, a ação do tribunal contribuía para o reacendimento da fé judaica entre quem a tinha esquecido ou simplesmente a desconhecia:

“[...] em quanto estam na Paz, e na Abundancia do que tem, estam esquecidos dos Preceitos desta tam justa Ley, entam manda Deus a Inquisçam, que lhos lembre, e quando saem della roubados, e despojados do que tinham, entam se lembram do seo Pecado, e recorrem a Deus para que lho perdoe, do que athe alli viviam tam esquecidos,

the Spanish & Portuguese Jews' Congregation Kahal Kados Sahar Asamaim, London (1701-1728). London: Jewish Historical Society of England, 1931, p. 57).

15 *Respuesta al sermon*, p. 22-23.

16 *Ibidem*, p. 15.

17 “[...] en ves de hazer como haze la Inquisicion, que prohibe todos los Libros que discurren en contra su Religion, nos publicamos semjantes Libros, que contra nos se Imprimen, y lo explicamos a nuestros Hijos, para que reconoscan la realidad de nuestras Razones [...]” (*Ibidem*, p. 23).

18 *Ante exordio*, p. 7-9.

e muitos, ou os mais delles, que nam sabiam a mesma Ley, a aprendem na Prisam, e saem mestres della, e com Animo disposto a guardalla, por que permite Deus, que com aquelle castigo, lha ensinem os Inquisidores, pois que seus Pays lha nam ensináram, estando em Paz, e Liberdade”¹⁹.

Este é um argumento comum entre a literatura de polémica anti-inquisitorial. O prólogo de *Relação Exactissima, Instructiva, Curioza, Verdadeira, e Noticioza, do Procedimento das Inquizições de Portugal...*, edição de 1750 das chamadas “Notícias recônditas”, repete-o e enfatiza que “[...] em todas as Synagogas de Judeos, pedem que Deus conserve as Inquiçoens, em Portugal, e Castella, para que o Judaismo se nam perca nos dittos Reynos”²⁰. Estas palavras, tais como as do autor de *Ante exordio*, aspirariam encontrar audiência entre as “reliquias do Judaísmo” que se conservavam em Portugal, na expectativa de lhes alimentar a esperança e servir de paliativo face ao sofrimento impingido pela perseguição inquisitorial²¹. Por outro lado, este não era o público-alvo de *Respuesta al sermon*. Refere Nieto: “pues mi principal escopo, no es outro, que mostrar a los de mi Nacion, la poca razon, que acompaña al Predicador”²². Os “da sua Nação” eram os judeus sefarditas na diáspora, em particular os membros da comunidade de Londres, então a acolher um crescente número de novos elementos oriundos da Península Ibérica, com toda uma vida passada a observar os preceitos e rituais cristãos. As dificuldades de integração na comunidade e as resistências à observação estrita da Lei judaica faziam-se notar no dia-a-dia da congregação²³. Nieto, filho de cristãos-novos ibéricos convertidos ao Judaísmo em Livorno, onde haviam encontrado refúgio, tinha plena consciência do quão fluida poderia ser a fé destes novos elementos que, durante anos a fio, escutaram as palavras dos pregadores do alto dos púlpitos, levantando a voz contra os princípios basilares da fé judaica.

2. Um sermão singular?

“Mas são um povo roubado e saqueado; todos estão enlaçados em cavernas e escondidos em cárceres; são postos por presa, e ninguém há que os livre, por despojo, e ninguém diz: Restitui.” – é em Isaías 42, 22 que D. Diogo da Anunciação

19 *Ante exordio*, p. 112.

20 *Relação Exactissima, Instructiva, Curioza, Verdadeira, e Noticioza, do Procedimento das Inquizições de Portugal...* Veneza [i.e. Londres]: João Moretin, 1750, p. XVIII.

21 “Assim ò dictosos Filhos de Israel, e felices reliquias do Judaismo, tende grande Paciencia, Constancia, e Consolaçam nos Trabalhos, Infortunios, perseguiçoens, e calumnias, e louvay todos a Deus; porque o mal que he para bem, nam se pode chamar mal [...] porque ainda estando nos nas Terras de nossos Enemigos, nam so nos defende delles, mas nos conserva, nos ampara, nos protege, nos favorece, e nos aumenta [...]” (*Ante exordio*, p. 114-115).

22 *Respuesta al sermon*, p. 93.

23 Todd Endelman – *The Jews of Britain 1656 to 2000*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2002, pp. 32-33, 54-55. Vide também, do mesmo autor, *The Jews of Georgian England 1714-1830. Tradition and Change in a Liberal Society*. Filadélfia: The Jewish Publication Society of America, 1979, p. 118-165.

encontra o tema da sua prédica. Aqueles que o ouviam do cadafalso, aguardando pela leitura da sentença, são equiparados a esse povo saqueado e encarcerado, apartado da salvação, de que fala o profeta. São eles as “desgraçadas relíquias do judaísmo”, os “infelizes fragmentos de sinagoga” que o arcebispo evoca logo a abrir o sermão, enfileirando de seguida um rol de argumentos em prova do quão destrutiva e vã era a esperança nutrida na vinda de um Messias que chegara 1700 anos antes, na pessoa de Jesus Cristo.

Quer o tema, quer o argumento basilar do sermão do arcebispo de Cranganor não se destacam pela originalidade. A escolha do excerto de Isaías inscrevia-se na tendência dos sermões de auto-da-fé selecionarem, como mote, passagens do Antigo Testamento, em particular do Pentateuco, dos livros proféticos e dos Salmos²⁴. O enfoque do discurso na infrutífera esperança dos “últimos despojos da Judeia” ia de encontro ao principal alvo da argumentação dos pregadores, enquanto cerne da divergência entre Cristianismo e Judaísmo: a negação de que Jesus Cristo era o Messias profetizado nas Sagradas Escrituras²⁵. Afinal, a retórica anti-judaica ocupava um lugar central na parenética dos autos-da-fé, e ainda mais vincadamente no texto impresso²⁶.

Apresentado o tema, o arcebispo desenvolve-o com a enumeração das evidências da natureza messiânica de Jesus Cristo através de uma interpretação alegórica das profecias do Antigo Testamento. Para solidificar o argumento, recorre ainda a fontes judaicas ou pretensamente judaicas. Este último ponto revela-se particularmente sensível para os autores de ambas as respostas.

Logo no início, o arcebispo clarifica que se irá socorrer apenas de textos aceites pelos judeus: citará unicamente passagens do “Testamento Velho”, não usando a Vulgata, mas sim a versão “na vossa mesma raiz Hebraica, ou Caldaica, que para vós tem autoridade sagrada”, e encontrará ainda mais fundamentos nas “Exposições dos vossos Rabinos, em cuja doutrina vos fundais para serdes Judeos”²⁷. De facto, o programa é colocado em prática de imediato. Logo a seguir a Isaías 42, 22, a primeira prova a que o arcebispo alude é a “celebre epistola, que há 705 annos escreveo

24 Entre os sermões estudados, só o de Frei Bernardo de Castelo Branco, no auto de 6 de Agosto de 1713 em Coimbra, tem como mote uma passagem do Novo Testamento, nomeadamente Actos 3, 17-19 (Bernardo de Castelbranco – *Sermão do Auto da Fé que se celebrou publicamente no Terreyro de S. Miguel da Cidade de Coimbra em 6. de Agosto do anno de 1713...* Coimbra: Imprensa do Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1714). Entre os restantes, as fontes mais comuns escolhidas para tema são os livros proféticos (4) e o Pentateuco (3).

25 Edward Glaser – *Invitation to Intolerance: A study of the Portuguese sermons preached at autos-da-fé. Hebrew Union College Annual. 27 (1956) 328.*

26 Sobre as discrepâncias entre o sermão pregado e o sermão impresso, vide Bruno Feitler – *The Imaginary Synagogue: Anti-Jewish Literature in the Portuguese Early Modern World (16th-18th centuries)*. Leiden: Brill, 2015, p. 19-20. Vide também Maria Lucília Gonçalves Pires – *Sermões de auto-da-fé: evolução de códigos parenéticos*. In *Inquisição. Comunicações apresentadas ao 1.º Congresso Luso-Brasileiro sobre Inquisição*. Coord. Maria Helena Carvalho dos Santos. Vol. 1. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII, Universitária Editora, 1989, p. 267-276.

27 *Sermam do Auto da Fé 1705*, p. 8.

[Rabbi Samuel] a Rabbi Isac, que pelo peccado de matares a Christo he que vos succedeu este cativoiro”²⁸, texto apócrifo muito citado na controvérsia anti-judaica, em particular nos sermões de auto-da-fé²⁹. Mas não é esta referência a um escrito supostamente judaico que suscita maior indignação junto dos seus contraditores. Sensivelmente a meio da prédica, o arcebispo lança-se contra uma autoridade rabínica:

“No lugar da Isaías, em que estava escrito em Hebraico *Vehichre*, que quer dizer *Vocabitur*, atrevidamente *Rabbi Salamam*, que foy insigne corruptor dos Textos sagrados, escreveo *Vahycra*, que quer diser *Vocabit*. E em Jeremias estando no mesmo original Hebraico escrito *Icreu*, que quer diser *Vocabunt*, escreverão *Icreo*, que quer dizer *Vocabit*. Facillissima he de fazer esta corrupção na lingoa Hebraica.”³⁰.

Tal acusação contra o Rabi Shlomo Yitzaki (1040-1105), alias Rashi, não era inédita. Segundo Edward Glaser, esta passagem constitui a cópia quase literal de um excerto do sermão de Frei Luís da Silva proferido no auto-da-fé de 10 Dezembro de 1673, em Lisboa³¹. Contudo, foi quando lida no sermão do arcebispo de Cranganor que desencadeou a revolta do autor de *Respuesta al Sermon*. Segundo o prefaciador, teria sido mesmo o fator que conduziu à sua redação, com o intuito de “[...] mostrar que la Calumnia que el Arçobispo levanta contra aquel Eminentissimo y Docto Rabino R. Salomon, de haver corrompido la Sagrada Escripura, se deve atribuir con verdad al mismo Arçobispo, o a algun Christiano antes del [...]”³².

De facto, a contestação da “calúnia” levantada contra Rashi dá azo aos passos mais exaltados (raros, é certo) da resposta de Nieto. O autor identifica-a como uma adulteração proveniente da “oficina del odio de Nicolao de Lira Neofito Normando, por hallarse embaraçado con el *vocavit nomen ejus* del Cap. 9 de Isaías”³³ e, em resposta ao compromisso do arcebispo de apenas recorrer a fontes aceites pelo

28 *Ibidem*, p. 9.

29 Vide, por exemplo, Francisco Pedroso – *Exhortação dogmatica contra a perfidia judayca feyta aos Reos penitenciados no Auto publico da Fé, que se celebrou na Praça do Rocio junto aos paços da Inquisição desta Cidade de Lisboa em 9 de Julho de 1713*.... Lisboa: Officina de Miguel Manescal, 1713, p. 31; José do Nascimento – *Sermão do Acto publico da Fee que se celebrou no Terreyro de São Miguel da Cidade de Coimbra, em trinta de junho de 1726*.... Coimbra: Officina de Jozeph Antunes da Sylva, 1726, p. 21-22. Sobre o uso deste e doutros textos apócrifos pela retórica anti-judaica, o autor de *Ante exordio* refere: “[...] pois eu tenho visto Livros enteyros compostos por Papistas, e darem-nos à Emprensa em nome de Judeos, e dipois alegarem com elles, dizendo, assim o dizem os vossos Rabinos em taes Livros, que sam taes os fundamentos da sua Religiam, que he necessario defendellos com Livros semelhantes.” (*Ante exordio*, p. 21).

30 *Sermam do Auto da Fé 1705*, p. 22.

31 Edward Glaser – *Invitation to Intolerance: A study of the Portuguese sermons preached at autos-da-fé*..., p. 350. Glaser menciona ainda vários autores de sermões de auto-da-fé que já haviam apresentado o mesmo argumento (ex.: Manuel Fagundes [Évora, 1626], Frei Bento de São Tomás [Coimbra, 1673] ou João de Sousa Carvalho [Coimbra, 1696]).

32 *Respuesta al sermon*, p. iii.

33 *Respuesta al sermon*, p. 14-15. Conhecedor da literatura de polémica, David Nieto teria consciência de como Nicolau de Lira era profusamente citado pela retórica anti-judaica e, em particular, nos sermões de auto-da-fé. Vide Edward Glaser – *Portuguese Sermons at Autos-da-Fé: Introduction and Bibliography*..., p. 58-59. Exemplos de referências a Nicolau de Lira em: Caetano de São José – *Sermam no Acto Publico da Fé que se celebrou na praça do Rocio desta Corte em Domingo 14. de Outubro de 1714*.... Lisboa: Officina de Joseph Lopes Ferreyra, 1715, p. 7, *passim*; José dos Anjos – *Sermão no Auto publico da*

Judaísmo, cita Santo Agostinho para provar como seria impossível a um judeu forjar as Sagradas Escrituras³⁴. Este diálogo de referências acompanha todo o sermão, bem como as duas respostas, revelando a necessidade de evidenciar um (suposto) conhecimento das autoridades do outro, sustentando nestas a sua própria argumentação. Esta estratégia retórica tem paralelo em vários sermões de auto-da-fé, sendo correntemente enunciada logo nos primeiros parágrafos. Por exemplo, em 1720, o Dr. Francisco de Torres introduzia assim a sua prédica:

“E para que não possa ter, nem ainda affectada, desculpa a vossa obstinação, para efficasmente vos convencer, uzarei somente dos textos do Testamento velho, a que só confessais, que deveis dar inteiro credito; do que diceraõ os vossos mesmos Rabbinos; & do que escreveraõ os que foraõ do vosso mesmo sangue, & que algum tempo abraçaraõ, & seguiraõ o mesmo erro, que vòs seguís, & abraçais, cujos dittos fazem contra vòs a mais concludente prova [...]”³⁵.

Contudo, mesmo quando enunciadas, raramente as autoridades rabínicas eram efetivamente alvo de reflexão por parte dos pregadores. Na maior parte dos casos, as fontes autênticas eram preteridas a textos apócrifos e a obras de conversos, como Nicolau de Lira ou Fernão Ximenes de Aragão³⁶. D. Diogo da Anunciação, porém, enriquece a sua argumentação com referências abundantes a autoridades judaicas, além de exibir conhecimentos da língua hebraica – uma atitude de pura soberba, com fundamentos muito incipientes, segundo entende o autor de *Ante exordio*, afirmando que o mais jovem dos estudantes das escolas da congregação de Londres “podia ser Lente de prima, no Colejo onde este Arcobispo fosse Leygo”³⁷. Embora não seja o único pregador a recorrer a fontes judaicas autênticas – encontramos outros exemplos em Frei José de Oliveira (Lisboa, 1707) ou Frei Bernardo Telles (Lisboa, 1709), por exemplo³⁸ –, o arcebispo revela um domínio do hebraico que não tem paralelo no universo de sermões estudados.

Já na reta final da sua prédica, D. Diogo da Anunciação dirige-se diretamente ao réu que seria relaxado à justiça secular naquele auto. Esse momento é assim apresentado pelo autor de *Respuesta al Sermon*:

Fe, Que se celebrou na Praça de S. Miguel da Cidade de Coimbra em 25. de Maio de 1727... Coimbra: Officina do Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1727, p. 14-15, passim.

34 “Admirome pues digo, que el Señor Arçobispo admita esta ridicula Calumnia, quando *Agustino*, uno delos principales Doctores de la Iglesia afirma, Ser increíble que los Judios ayan viciado los Libros sagrados [...]” (*Respuesta al sermon*, p. 15).

35 Francisco de Torres – *Sermão do Acto publico da Fee, que se celebrou no Pateo de São Miguel da Cidade de Coimbra em sette de Julho de 1720...* Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1720, p. 8.

36 Edward Glaser – *Portuguese Sermons at Autos-da-Fé: Introduction and Bibliography...*, p. 59.

37 *Ante exordio*, p. 36.

38 Frei Joseph de Oliveira – *Sermam que prégou no Auto da Fe, que se celebrou no Rocio da Cidade de Lisboa em Domingo 6. de Novembro do anno de 1707...* Coimbra: Officina de Joseph Ferreyra, 1707; Frei Bernardo Telles – *Sermam do Auto da Fé que se celebrou no Rocio de Lisboa, em Domingo 30 de Junho, no anno de 1709...* Lisboa: Officina de Manoel & Joseph Lopes Ferreyra, 1709.

“Exhortando el Predicador a uno de los Presos que sacavan a quemar, dize estas Palabras: «Ponde-vos a vòs na Presença de Deos, sem mais Peccado, que guardar a Ley de Moises, & ponde hum Christão na mesma presença, sem outra culpa mais, que a observancia da Ley de Christo. Se Deos condenar a o Christão por amor da Ley, & salvar a o Judeu, por amor da mesma, não podia ser justo Deos, nem podia satisfazer as razões com que o Catholico havia de arguir a sua Justiça. [...]» El Arçobispo habla muy confiado, como si fuera Secretario de la Divina Magestad, y como si le fuera notorio lo que en el Cielo pasa, con tanta confiança, y atrevimiento, que dize, que si Dios condenase al Catholico, por observar la Ley de Christo, y salvase al Judio por guardar la Ley de Moises, que no podia ser justo Dios [...]”³⁹.

Nieto encontra nesta afirmação o zénite da arrogância do arcebispo, ao questionar a própria justiça divina, caso esta fosse contrária à sua convicção. Portanto, a ênfase é colocada no argumento e não na circunstância, ou seja, a interpelação de um réu condenado a perecer na fogueira. Esse réu era Manuel da Cunha Falcão, mercador cristão-novo, natural do Fundão e residente em Lisboa, preso pela Inquisição a 29 de Março de 1703⁴⁰. Imputado de culpas de Judaísmo, Falcão confirmou inicialmente a acusação, mas acabou por revogar. Sessão após sessão, chegou ao auto como “convicto, confesso e afirmativo proficiente da seita dos Ateístas”. Pouco antes do início do auto, pediu audiência e voltou a confessar-se crente na Lei de Moisés⁴¹. Tarde demais, porém. Era ele a mais desgraçada das “reliquias do Judaísmo”, concluiu o arcebispo. A confissão à última hora fora diminuta e, por isso, não se salvaria na Lei de Cristo, e muito menos (no caso do hipotético “erro” de Deus) na de Moisés, que acabou por renegar também⁴². Provavelmente, esta incoerência na confissão, fortalecendo as suspeitas de Ateísmo, teria pesado para o silêncio dos autores de *Respuesta al sermon* e *Ante exordio* sobre o caso. Então, num momento de emergência das Luzes em Inglaterra, o Ateísmo e o Deísmo constituíam verdadeiras ameaças, mas também desafios, à ortodoxia religiosa, tendo encontrado resposta na obra de pensadores protestantes e judeus, entre os quais o próprio David Nieto⁴³. Salientar o caso de Falcão significava abordar uma matéria bastante delicada sob uma perspectiva necessariamente empática.

39 *Respuesta al sermon*, p. 99-100.

40 Repare-se que a citação atrás de *Respuesta al Sermon* dá a entender que teria havido mais do que um réu relaxado à justiça secular no auto de 1705, o que contradiz a lista de sentenciados (ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, liv. 435, fls. 230-233). Trata-se de um erro do autor ou mesmo do impressor. No sermão do arcebispo, a exortação é feita no singular: “E vòs, ò desgraçado, que ahi estais entre esses confitentes para seres relaxado, abri os olhos [...]” (*Sermam do Auto da Fe 1705*, p. 47).

41 ANTT, Inquisição de Lisboa, proc. 3407, fls. 479-493.

42 *Sermam do Auto da Fe 1705*, p. 48.

43 Vide David B. Ruderman – *Jewish Enlightenment in an English Key. Anglo-Jewry’s Construction of Modern Jewish Thought*. Princeton: Princeton University Press, 2000, p. 8-9, passim.

À semelhança do início, é novamente com a exortação do infortúnio dos que persistiam na “cegueira” judaica e com a súplica pela expiação dos seus pecados que o arcebispo dá por encerrada a sua prédica⁴⁴. Porém, as “disgraçadas relíquias do Judaísmo” tornaram-se no “disgraçado povo de Israel”, o “riso detestavel dos Judeos” é agora o próprio judeu deicida (“Vós [Jesus] sempre morrestes por morrer por elles; & elles só por vos matarem he que morrerão sempre.”)⁴⁵. A perspetiva sobre o público-alvo varia ao longo do sermão entre duas realidades: as “relíquias do Judaísmo”, ou seja, os “judeus” que o escutavam do cadafalso, aqueles que receberam o batismo e o renegaram em segredo para seguirem uma fé da qual eram ignorantes – a audiência imediata – e os “Mestres”, quem verdadeiramente iria compreender o sentido da sua argumentação – o ouvinte/leitor ao qual o arcebispo aspirava chegar⁴⁶. A terminologia usada é, porém, indistinta: todos são “judeus”. Aliás, essa indiferenciação é comum à generalidade dos sermões de auto-da-fé⁴⁷. Em alguns casos, raros porém, embora se mantenha a mesma indistinção conceptual, o judeu que nasceu e sempre viveu como tal é distinguido do judeu “herege” que, tendo recebido o sacramento do batismo, continuava a guardar a Lei de Moisés em segredo⁴⁸. Contudo, D. Diogo da Anunciação, num outro sermão proferido em Évora em 1710, vai mais longe ao discriminar a audiência à qual se dirigia: “[...] fallo sómente com aquelles, que padeceis a ferida do judaismo, pois só estes são os apostatas; porque aos do vosso sangue, que reconhecem ao vosso erro, & adoraõ a Jesus Christo, tenho eu por verdadeiros, & legitimos filhos da Igreja Catholica [...]”⁴⁹. Este tipo de observação é pouco comum nos sermões de auto-da-fé. Os pregadores sistematicamente omitiam esses “legítimos” católicos de “sangue hebreu”, talvez por pouco relevantes à finalidade dos seus argumentos.

44 “Fazey, que reconheçaõ com toda a sinceridade, que nesta sua desgraça já não tem outro remedio, mais que o fazerem penitencia do tempo que tem perdido com a sua esperança: chorando ao seu erro, detestando ao seu peccado, abominando a sua superstição, & pondo fim á sua teyma; para que assim regenerados na agua de seus penitentes olhos, renaçaõ vossos filhos, já que pelo Baptismo são filhos vossos.” (*Sermam do Auto da Fe 1705*, p. 50).

45 *Sermam do Auto da Fe 1705*, p. 5 e 50.

46 “Desejára, que não fosseis vós sómente os meus ouvintes, porque sois quatro miseraveis, que como ignorantes da mesma ley, que professais, fazeis cousas ridiculas por actos de Religiaõ. Desejára pois, que todos os vossos Mestres, que tendes espalhados pelo mundo, fosse, hoje os que me ouvissem, porque tão demonstrativamente hey de hoje destruir os fundamentos da vossa esperança” (*Sermam do Auto da Fe 1705*, p. 7).

47 Francisco Bethencourt – *História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália*. Lisboa: Temas e Debates, 1995, p. 217-218. Bethencourt considera o uso recorrente do termo “judeu” para designar o cristão-novo judaizante como uma possível reminiscência da literatura de polémica anti-judaica medieval.

48 Dominika Oliwa – Defending the Catholic Faith or Spreading Intolerance? The Sermon delivered during auto-da-fé in 17th-century Portugal as an Example of Anti-Jewish Literature. *Scripta Judaica Cracoviensia*. 10 (2012) 75. Exemplo: “E sendo este, como he, o vosso erro, & a vossa cegueira, nella acho eu duas circunstances para efficazmente arguir a vossa hypocresia; a primeira he o quererdes ser Judeos, & a segunda he o quererdes ser Judeos parecendo Christãos, consistindo a vossa hypocresia no que quereis ser, & no modo comque o quereis ser.” (Francisco de Torres – *Sermão do Acto publico da Fee, que se celebrou no Pateo de São Miguel da Cidade de Coimbra em sette de Julho de 1720...*, p. 7-8).

49 D. Diogo da Anunciação Justiniano – *Sermam do Auto da Fe, Que se celebrou no taboleyro da Parochial Igreja de Santo Antam de Evora, em Domingo 20. de Julho de 1710...* Lisboa: António Pedrozo Galvão, 1710, p. 6.

Embora constituindo um outro foco de crítica de ambas as respostas, o tom adotado pelo arcebispo ao longo do sermão de 1705 não quebra o cânone parenético. O discurso de D. Diogo da Anunciação varia entre expressões de misericórdia (espelho da imagem a propagar do próprio tribunal) e momentos de maior exaltação, em que o estilo se torna mais virulento, ou, como diria o autor de *Respuesta al sermón*, “regateyro”⁵⁰. As manifestações de compaixão pelos penitenciados constituíam um artifício retórico profusamente empregue nos sermões de auto-da-fé⁵¹, tanto quanto outras abordagem mais enfáticas e agressivas⁵². A própria linguagem escolhida pelo arcebispo é replicada por outros pregadores. Vejamos o exemplo da expressão mais repetida ao longo do sermão:

Frei Bernardo Telles, Lisboa, 1709: “Ah desgraçados homens que por huma opinião q. já tendes perdida, por hum amor que já não aproveyta, por huma cegueyra affectada, por huma negação convencida, perdeis a vida, & perdeis a alma”⁵³.

Padre Francisco Pedroso, Lisboa, 1713: “Ouvi poes infelices reliquias do Judaismo [...]”⁵⁴.

Dr. Francisco de Torres, Coimbra, 1720: “E este he tambem o vosso erro, & a vossa cegueira, ó desgraçados descendentes do mesmo povo [...]”⁵⁵.

Frei Joseph do Nascimento, Coimbra, 1726: “E não he isto o mesmo, que está soce-dendo ainda hoje com as desgraçadas reliquias daquelle mesmo povo [...]”⁵⁶.

50 “y aqui se podia su Illustrissima dilatar; explayando su Rethorica, con aquel estilo *Regateiro*, tan peculiar a El” (*Respuesta al sermón*, p. 22).

51 “Ouvi-me pois, Irmãos meus muyto amados em Christo, ouvi-me hoje sem susto; mas dayme grandissima attenção. Ouvi-me, digo, sem susto; porq não venho satyryzar a vossa desgraça: venho a ser interprete do vosso arrependimento [...]” (Caetano de São José – *Sermam no Acto Publico da Fé que se celebrou na praça do Rocio desta Corte em Domingo 14. de Outubro de 1714...*, p. 5). “Mas eu irmãos carissimos não quizera levar este negocio sò por via de temor, mas tambem de amor.” (Francisco Pedroso – *Exhortação dogmatica contra a perfidia judayca feyta aos Reos penitenciados no Auto publico da Fè, que se celebrou na Praça do Rocio junto aos paços da Inquisição desta Cidade de Lisboa em 9 de Julho de 1713...*, p. 36).

52 “[...] por isso ardem essas sarças, esses perfidos, & pertinazes espinheiros, mas em forma, que logo se consomem, & fazem em cinza, porque já Deos dezamparou esses espinheiros; ja não quere apparecer nos corações dessas Sarças [...]” (Francisco Vieira – *Sermão do Acto da Fé que se celebrou no Pateo de S. Miguel da Cidade de Coimbra em 19. de Junho do presente anno de 1718...* Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1718, p. 38); “Porque levandovos na infancia ao bautismo, que he a porta, por onde entrastes no gremio da Igreja, depois vos fecharão a porta do Bautismo, & vos abrião as portas do inferno com huma doutrina falsa, que vos ensinaraõ, por onde infallivelmente haveis de entrar, se continuareis na vossa apostasia, & de que não haveis de sahir para sempre: em fim crearaõ-vos na infancia para vos degolarem na adolescencia, & na maioridade” (José dos Anjos – *Sermão no Auto publico da Fe, Que se celebrou na Praça de S. Miguel da Cidade de Coimbra em 25. de Maio de 1727*, p. 30).

53 Frei Bernardo Telles – *Sermam do Auto da Fé que se celebrou no Rocio de Lisboa, em Domingo 30 de Junho, no anno de 1709...*, p. 32.

54 Francisco Pedroso – *Exhortação dogmatica contra a perfidia judayca feyta aos Reos penitenciados no Auto publico da Fè, que se celebrou na Praça do Rocio junto aos paços da Inquisição desta Cidade de Lisboa em 9 de Julho de 1713...*, p. 7.

55 Francisco de Torres – *Sermão do Acto publico da Fee, que se celebrou no Pateo de São Miguel da Cidade de Coimbra em sette de Julho de 1720...*, p. 7.

56 José do Nascimento – *Sermão do Acto publico da Fee que se celebrou no Terreyro de São Miguel da Cidade de Coimbra, em trinta de junho de 1726*, p. 3.

Todos os exemplos mencionados são de sermões posteriores ao do arcebispo de Cranganor. Provavelmente, teriam encontrado inspiração nas suas palavras. Outra evidência desse impacto encontra-se no facto de o sermão de 1705 ser o primeiro, segundo Edward Glaser, a fazer referência à obra de João Baptista d'Este, *Dialogo entre Discipulo e mestre catechizante* (Lisboa, 1621)⁵⁷, a qual, a partir de então, passa a ser vulgarmente citada pelos pregadores⁵⁸.

De facto, o sermão ter-se-ia tornado numa referência no âmbito da controvérsia anti-judaica. Em 1725, preso nos cárceres da Inquisição de Coimbra, o Dr. Francisco da Fonseca Chacon alegava que decidira abandonar a “crença na Lei de Moisés” após a leitura de “[...] hum sermão do Padre Vieyra do Sacramento e outro do Auto da fé pregado em Lisboa pello Arcebispo de Cranganor [...]” – independentemente da sinceridade destas palavras, o facto deste médico de Pinhel considerar tal explicação plausível aos ouvidos dos inquisidores constitui uma forte prova da notoriedade alcançada pelo sermão⁵⁹.

O estatuto de D. Diogo da Anunciação Justiniano, “do Conselho de S. Magestade, que Deos guarde, & Arcebispo que foy de Cranganor”⁶⁰, teria contribuído para uma mais ampla repercussão do texto dentro e fora de Portugal⁶¹. Os oradores escolhidos para proferir sermões de auto-da-fé raramente detinham posições elevadas na hierarquia eclesiástica. Ao longo do século XVIII, só em 1746 encontramos uma outra prédica impressa cujo estatuto do autor se equiparava ao de D. Diogo da Anunciação: Frei Miguel de Bulhões, então bispo de Malaca⁶².

Contudo, e como já vimos, um outro sermão proferido pelo arcebispo de Cranganor no auto de 20 de Julho de 1710 em Évora também chegou aos prelos. O conteúdo é muito próximo do de 1705 e a linguagem ainda mais agressiva. Porém, nem este, nem qualquer outro sermão suscitou uma reacção equiparável à da prédica ouvida no auto-da-fé de 6 de Setembro de 1705 no Terreiro do Paço.

3. Como o sermão do arcebispo de Cranganor chega a Londres

Centremo-nos agora no auto em que D. Diogo da Anunciação proferiu o mais célebre dos seus sermões. Dos 66 sentenciados em 1705, 65 eram cristãos-novos

57 Edward Glaser – Portuguese Sermons at Autos-da-Fé: Introduction and Bibliography..., p. 58.

58 José de Oliveira – *Sermam que prégou no Auto da Fe, que se celebrou no Rocio da Cidade de Lisboa em Domingo 6. de Novembro do anno de 1707*, p. 26; Frei Francisco Vieira – *Sermaõ do Acto da Fé que se celebrou no Pateo de S. Miguel da Cidade de Coimbra em 19. de Junho do presente anno de 1718...*, p. 25.

59 ANTT, Inquisição de Coimbra, proc. 2148, fl. 14v.

60 *Sermam do Auto da Fe 1705*, folha de rosto.

61 Agradecemos ao Prof. Harm den Boer a observação feita sobre esta questão.

62 Miguel de Bulhões e Sousa – *Sermaõ do Auto da Fe celebrado na Igreja de S. Domingos desta corte, Que recitou em 16. de Outubro de 1746 o Ex.^{mo} e R.^{mo} Senhor D. Fr. Miguel de Bulhoens, Bispo do Pará, e do Conselho de Sua Magestade...* Lisboa: Officina de Pedro Ferreira, 1750. Na altura da impressão do sermão, Frei Miguel de Bulhões era já bispo do Pará, título pelo qual surge designado na folha de rosto.

acusados de culpas de Judaísmo, 48 dos quais residiam em Lisboa no momento da prisão⁶³. O número é expressivo mas inferior ao do auto anterior, a 19 de Outubro de 1704, no qual saíram 98 réus, e, sobretudo, ao seguinte, a 12 de Setembro 1706, onde o número ascendeu a 111, dos quais 5 foram relaxados em carne à justiça secular⁶⁴. Recordemos que o sermão proferido nesse auto pelo Padre Francisco de Santa Maria foi igualmente impresso.

Estes números traduzem aquela que foi a maior vaga de prisões registada entre os cristãos-novos residentes em Lisboa no século XVIII⁶⁵. Só em 1703, o número de prisões superou uma centena. Dois acontecimentos desencadearam-na: a prisão dos Laguna, denunciados por escravos e criados da casa⁶⁶; e a apresentação de José Nunes de Chaves em Setembro de 1702, mercador natural de Londres, filho de cristãos-novos portugueses⁶⁷. Os Laguna e os Chaves eram famílias que haviam construído fortuna no comércio do açúcar e do tabaco. Integravam abrangentes redes sociais e económicas, cuja amplitude teve expressão nas denúncias proferidas na Mesa da Inquisição. O resultado foi um pesado golpe na elite mercantil de Lisboa. Muitos tentaram a fuga do reino, sobretudo a bordo de navios de guerra e paquebotes ingleses que aportavam no Tejo. Alguns, como parte da família Laguna, foram bem sucedidos⁶⁸. Outros acabaram por ver os seus planos descobertos pelo Tribunal e não escaparam à prisão⁶⁹.

Mas o maior movimento migratório de cristãos-novos portugueses rumo a Inglaterra não se registou nestes primeiros anos de Setecentos. Tal ocorreria vinte anos depois. Segundo A. S. Diamond, entre 1720 e 1733, cerca de 1500 cristãos-novos ibéricos teriam chegado a solo inglês, num momento em que a comunidade sefardita de Londres rondaria apenas um milhar de indivíduos⁷⁰.

63 ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, liv. 435, fls. 230-233. O único cristão-velho que saiu no auto-da-fé de 6 de Setembro de 1705 foi Manuel Cardoso, lavrador na vila do Espírito Santo (Rio de Janeiro), acusado de bigamia.

64 ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, liv. 435, fls. 223-228v, 235-238v.

65 Através de um levantamento dos registos processuais de cristãos-novos residentes em Lisboa presos e/ou apresentados à Inquisição, foi possível apurar que, entre os anos 1702 e 1706, mais de 280 indivíduos foram alvo de processo. Na primeira metade de Setecentos, a média anual de peças processuais referentes a cristãos-novos moradores na cidade ronda as 12. Durante uma outra vaga de prisões na década de 20, que atinge sobretudo localidades das Beiras e o Brasil, cerca de 80 cristãos-novos a viver em Lisboa foram processados entre os anos de 1725 e 1728.

66 ANTT, Inquisição de Lisboa, proc. 527 (Branca Henriques). Vide também os processos das irmãs Ana Henriques, Francisca Lopes, Isabel Henriques, Violante Henriques e Maria Henriques, e da sobrinha Graça Henriques (ANTT, Inquisição de Lisboa, procs. 157, 4542, 542, 4556, 1947 e 532).

67 ANTT, Inquisição de Lisboa, proc. 138.

68 Casos de Leonor da Fonseca (esposa de Francisco Lopes Laguna) e dos filhos Diogo e Manuel Lopes Laguna (ANTT, Inquisição de Lisboa, procs. 2104, 2099 e 2111).

69 Por exemplo, os irmãos Manuel e Gabriel Lopes Pinheiro, presos em dezembro de 1702, quando já estavam embarcados para seguir rumo a Inglaterra (ANTT, Inquisição de Lisboa, procs. 2378 e 2348). Vide também Richard D. Barnett – Diplomatic Aspects of the Sephardi Influx from Portugal in the Early Eighteenth Century. *Transactions & Miscellanies (Jewish Historical Society of England)*. 25 (1973-1975), p. 217-218; Carla Vieira – Família, perseguição e mobilidade. O caso da família Medina. *Erasmus: Revista de Historia Bajomedieval y Moderna*. 1 (2014), p. 43-57.

70 A. S. Diamond – Problems of the London Sephardi Community, 1720-1733: Philip Carteret Webb's Notebooks. *Transactions of the Jewish Historical Society of England*. 21 (1962-1967) p. 39-40.

Este movimento tem expressão nos registos da comunidade sefardita de Londres. Para os recém-chegados, dois momentos marcavam o ingresso na comunidade: a circuncisão e o casamento segundo o ritual judaico. Nos registos dos *Ketubot*, os casais que chegavam da Península Ibérica surgem assinalados com as expressões “vindos de Portugal” ou “vindos de Espanha”, sendo que os primeiros constituíam a esmagadora maioria (entre 1701 e 1750, 114 registos têm a menção “vindos de Portugal, enquanto que só 4 casais são identificados como “vindos de Espanha”)⁷¹. Entre os anos de 1725 e 1729, ocorre o pico dos *Ketubot* de “vindos de Portugal”, com 66 registos, valor cuja dimensão tem paralelo nos registos das circuncisões. De facto, o aumento do número de circuncisões a homens adultos e crianças acima da idade regulamentar (8 dias) entre 1725 e 1727 constitui um outro indício da chegada massiva de novos elementos à comunidade⁷².

É possível traçar uma relação entre este fluxo migratório para Londres na década de 20 e o pico de prisões em Lisboa registado no início do século. Alguns dos que foram então presos integram este fluxo migratório quase vinte anos depois. A iminência de uma nova vaga de prisões⁷³ e a ameaça de novos processos com consequências potencialmente drásticas – a relapsia, se comprovada, era punida com a pena máxima – motivaram muitos a abandonar definitivamente Portugal.

Por exemplo, foi o que aconteceu com Luís de Matos Lopes, mercador natural de Freixo de Numão. Preso em Lisboa em 1703, pouco se sabe sobre o seu percurso depois de ter saído no auto de 1705.⁷⁴ Porém, voltamos a encontrá-lo em Londres em Novembro de 1724, quando se casa pelo ritual judaico com a esposa Isabel de Sá (alias Sarah de Matos Lopes), envergando já o nome Isaac de Matos Lopes⁷⁵.

Dois anos depois, Grácia Caetana da Veiga chegava a Londres, acompanhada do marido, o médico Diogo Nunes Ribeiro, e dos filhos. Também ela havia sido reconciliada no auto de 1705, junto como a mãe Isabel Maria da Veiga, a irmã Teresa Eugénia da Veiga e a tia Francisca Soares da Veiga. A denúncia feita pelo pai, André de Sequeira, sob tormento, conduziu-a novamente aos cárceres em Maio de

71 London Metropolitan Archives, Spanish and Portuguese Jews' Congregation, Congregation and Synagogues, Services, Marriages (Ketubot): LMA/4521/A/02/03/002, LMA/4521/A/02/03/003, LMA/4521/A/02/03/004, LMA/4521/A/02/03/005, LMA/4521/A/02/03/006. Consultado com a permissão do Board of the S&P Sephardi Community of London. O mesmo se aplica aos restantes documentos deste fundo citados ao longo do artigo.

72 Diamond contabiliza 99 circuncisões entre 1725 e 1729 dentro destes critérios (A. S. Diamond – Problems of the London Sephardi Community, 1720-1733: Philip Carteret Webb's Notebooks..., p. 60). Vide os registos de circuncisões a partir de 1716 (não existem dados para um período anterior) In *The Circumcision Register of Isaac and Abraham de Paiba (1715-75)...in the Archives of the Spanish and Portuguese Jews' Congregation of London*. Ed. Richard D. Barnett, et al. Londres: The Spanish and Portuguese Jewish Congregation, The Jewish Historical Society of England, 1991.

73 Na década de 20 do século XVIII, regista-se uma nova vaga de prisões. Considerando apenas a atividade da Inquisição de Lisboa, mais de 320 cristãos-novos foram sentenciados nos quatro autos-da-fé públicos celebrados entre 1726 e 1731, sendo a maioria residentes em Lisboa, nas Beiras e no Brasil (ANTT, Conselho Geral, liv. 435, fls. 281-291v).

74 ANTT, Inquisição de Lisboa, proc. 3579.

75 LMA/4521/A/02/03/004, fl. 39.

1706, momento em que confessou as “culpas de Judaísmo” omitidas no primeiro processo⁷⁶. Para não arriscar um terceiro processo, Grácia e o marido partiram com a família para Londres⁷⁷, onde casaram segundo o ritual judaico e adotaram os nomes de Rebecca e Samuel Nunes Ribeiro. A testemunha do *ketubah* foi o próprio David Nieto⁷⁸. Em Londres, Nunes Ribeiro tornou-se médico da *Hebrá*⁷⁹ em 1729, cargo que manteve até 1733, quando integrou o grupo de 42 colonos judeus que seguiram para a nova colônia de Savannah, na América do Norte⁸⁰.

Grácia/Rebecca era prima daquele que foi o primeiro judeu eleito *fellow* da Royal Society – o Dr. Isaac de Sequeira Samuda, alias Simão Lopes Samuda, nascido em Lisboa por volta de 1681⁸¹. Também ele não tinha escapado à vaga de prisões de início do século⁸². É provável que Samuda guardasse na memória a recordação do auto de 6 de Setembro de 1705 e da prédica do arcebispo de Cranganor. Afinal, nesse mesmo dia, parentes e amigos desfilaram de sambenito vestido, inclusive a própria mãe, Violante Nunes Rosa⁸³.

Ao contrário da prima, Samuda mudou-se para Inglaterra poucos anos após a reconciliação. No início de 1709, já se encontrava em Londres, quando testemunhou o *ketubah* de Elias Lindo e Rachel Lopes Ferreira⁸⁴. Durante as duas décadas em que viveu na cidade (até à sua morte em 1729), tornou-se particularmente próximo de David Nieto, como testemunha o sermão fúnebre redigido por ocasião das exéquias dos trinta dias da morte do rabi⁸⁵.

76 ANTT, Inquisição de Lisboa, proc. 3054. Grácia Caetana faz a sua primeira confissão a 14 de maio de 1706, perfeitamente concertada com a apresentação do marido, Diogo Nunes Ribeiro, nesse mesmo dia, na Mesa da Inquisição de Lisboa (ANTT, Inquisição de Lisboa, proc. 2367, fls. 198-200).

77 George White – *Statistics of the State of Georgia*. Savannah: W. Thorne Williams, 1849, p. 619-620.

78 LMA/4521/A/02/03/004, fl. 76.

79 Também denominada irmandade de *Guemilut Hasadim*, foi fundada em 1687 com o objetivo de oferecer assistência médica aos membros mais pobres da congregação. Vide Richard Barnett – Dr Jacob de Castro Sarmiento and Sephardim in Medical Practice in 18th-Century London. *Transactions & Miscellanies (Jewish Historical Society of England)*. 27 (1978-1980), p. 110-113.

80 Vide Malcolm H. Stern – New light on the Jewish Settlement of Savannah. *American Jewish Historical Quarterly*. 52:3 (1963) 169-199.

81 O pai de Grácia Caetana da Veiga, André de Sequeira, era meio-irmão (via paterna) do pai de Simão Lopes Samuda, Rodrigo Machado de Sequeira.

82 ANTT, Inquisição de Lisboa, proc. 2784.

83 No auto de 1705, foram sentenciados, além da mãe, os seguintes parentes de Isaac de Sequeira Samuda: as primas Grácia Caetana e Teresa Eugénia da Veiga, as tias Isabel Maria da Veiga, Francisca Soares da Veiga e Catarina Henriques, o tio João Esteves Henriques de Samuda e os parentes mais afastados Manuel Franco, Branca Lopes Henriques e Luísa de Mesquita.

84 LMA/4521/A/02/03/002, fl. 104. Rachel Lopes Ferreira, alias Grácia Henriques, pertencia ao núcleo dos Laguna (neta de Francisco Lopes Laguna, vide nota 68) e tinha chegado a Londres por volta de 1705.

85 Isaac de Sequeira Samuda – *Sermão funebre pera as exequias dos trinta Dias do insigne, eminente e pio Haham e Doutor R. David Netto*. Londres: 1728. Sobre Isaac de Sequeira Samuda, vide Carla Costa Vieira – Observing the skies of Lisbon. Isaac de Sequeira Samuda, an *estrangereado* in the Royal Society. *Notes and Records of the Royal Society*. 68:2 (2014) 135-149; Manuel Curado – Um autor improvável e o seu amigo. In *As Viriadas do Doutor Samuda*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 89-130.

Note-se que, segundo o prefaciador de *Respuesta al sermon*, uma das razões que levaram Nieto a escrever esta réplica fora “por condesender con gusto de algunos Amigos”⁸⁶. Talvez Samuda fosse um desses amigos que o convenceram a responder, artigo a artigo, ao sermão do arcebispo de Cranganor. Trata-se apenas de uma hipótese. Mas é muito provável que o sermão tenha chegado às mãos de David Nieto por via de um desses indivíduos “vindos de Portugal”. Supomos que não foi apenas a maior circulação deste sermão face a outros textos congêneres que suscitou a redação inédita de duas respostas, mas também a existência de um vínculo emocional ao momento da sua pregação. É certo que faltava a Nieto essa ligação pessoal ao auto de 1705 (mas não a quem o rodeava), o que talvez tenha contribuído para o tom mais objetivo e contido do discurso, se comparado com *Ante exordio*. Embora a identidade do autor desta segunda resposta seja desconhecida, a qualidade do português e a forma como alude de modo muito pessoal ao carácter e origens de D. Diogo da Anunciação⁸⁷ indiciam que ele seria, possivelmente, um dos vários cristãos-novos portugueses que encontraram refúgio em Londres nas primeiras décadas de Setecentos. A experiência do próprio autor teria, assim, determinado um discurso mais agressivo e impetuoso, pontuado por ataques incisivos contra o pregador e toda a hierarquia católica⁸⁸, distante do ideal da controvérsia como um exercício cortês defendido pelo prefaciador de *Respuesta al sermon*⁸⁹.

4. Uma resposta a outras inquietações. Percurso e releituras de *Respuesta al sermon*

No final dos anos 20 do século passado, Israel Solomons dizia só conhecer duas cópias de *Respuesta al sermon*, e ambas conservadas em coleções privadas⁹⁰. A circulação de *Ante exordio* fora ainda mais exígua. Sobre esta obra, não encontramos nenhuma referência *a posteriori*, nem qualquer evidência de nova impressão.

86 *Respuesta al sermon*, p. iii.

87 Diz que o seu tom belicoso e as injúrias que profere são “[...] proprias nelle, nem podia obrar de outra forma, hum homem de nacimiento tam vil, filho de hua Regateyra, que vendia Peyxe em Lisboa [...]”, sendo que “[...] o estilo deste descortes groçeiro, e incivil Orador, se ajusta bem com a sua pessoa, e Nascimento” (*Ante exordio*, p. 12). Desconhecemos o fundamento desta acusação que, possivelmente, não seria mais do que um boato, dado que a carreira de D. Diogo da Anunciação parece pouco compatível com origens tão humildes.

88 “Mas eu acho nestes Padres Pregadores hua grande desculpa, por que o Clerigo donde canta, dahi janta; a Naçam Israelita, morre pella sua Fê, e por ella padece desterros e infortuneos, e estes Clerigos, e Frades, Ministros do Papitismo, por outro nome Mariolas de Xpto, vivem della [...]” (*Ante exordio*, p. 14).

89 “Soy de parecer que devemos estimar, y venerar, a qualquiera persona que pretendiere persuadirnos a su Religion, sea lo que se fuere, como quien procura (en su opinion) el mayor, y mas elevado bien que podemos dezear, y tratandonos com la cortesia devida, a la pretendida Sinceridad, devemos procurar responderle, con los terminos corteses, y adequados, que seamos capaces [...]” (*Respuesta al sermon*, p. iv).

90 Israel Solomons – *David Nieto, Haham of the Spanish & Portuguese Jews’ Congregation Kahal Kados Sahar Asamaim, London (1701-1728)...*, p. 55.

Pelo contrário, o percurso de *Respuesta al sermon* continuou para além da edição original, e com contornos *sui generis*.

Em 1848, o texto foi reimpresso, em conjunto com o sermão do arcebispo de Cranganor, e coligido no volume oitavo de *Antiquities of Mexico*, uma coletânea de fac-símiles e descrições de manuscritos e gravuras preservados em bibliotecas europeias referentes aos povos indígenas da Mesoamérica. Esta obra monumental em nove volumes, iniciativa de Lord Kingsborough (1795-1837), visava fornecer provas documentais que fundamentassem a tese de que os povos mesoamericanos eram descendentes diretos de uma das tribos perdidas de Israel⁹¹. Publicado já depois da morte de Kingsborough, o volume oitavo inclui um suplemento que, de acordo com o prefácio, integra excertos de obras de autores espanhóis (entre os quais Juan de Torquemada, José de Acosta e Gregorio García) “to show the correspondence which exists between many of the Mexican and Hebrew laws”⁹². É no final deste suplemento que são reproduzidos, nas línguas originais, o sermão e a respetiva resposta. O primeiro texto surge apresentado como prova de que “[...] at a period so late as 1705, when the archbishop of Cranganor preached before the Royal Family on the occasion of the Auto da Fé which at that time took place at Lisbon, the Jews were dragged to the flames by the Inquisition”⁹³. Em contraposição a esse discurso “so full of rancour”, a resposta de Nieto é reproduzida enquanto “a very remarkable defence of the Jewish religion by a Jew”. Curiosamente, o compilador alega, em nota de rodapé, que aquela era a primeira impressão de *Respuesta al sermon*. Na mesma frase, cita um excerto do frontispício, cujo conteúdo é novamente repetido antes do texto, embora corrigindo “Cangranor” para “Cranganor”⁹⁴. Não sabemos as razões de tal equívoco. Possivelmente, o compilador teria acedido ao texto através de uma cópia manuscrita cuja folha de título reproduzia o frontispício do impresso, julgando assim ser completamente fictícia a menção a “Impresso em Villa Franca”⁹⁵. Esta hipótese é reforçada por outra evidência. O título é acompanhado por uma nota de rodapé, a qual não se encontra na versão impressa⁹⁶. Escrita em castelhano,

91 Sylvia D. Whitmore – Lord Kingsborough and his Contribution to Ancient Mesoamerican Scholarship: The *Antiquities of Mexico*. *The PARI Journal*. 9:4 (2009) 8-16.

92 Lord Kingsborough – *Antiquities of Mexico: comprising fac-similes of Ancient Mexican paintings and hieroglyphics...* Vol. VIII. Londres: Henry G. Bohn, 1848, sem página (daqui para a frente, citado como *Antiquities of Mexico*).

93 *Antiquities of Mexico*, p. 91.

94 *Antiquities of Mexico*, p. 117: “Respuesta al sermon predicado por el Arçobispo de Cranganor en el Auto de Fe, celebrado en Lisboa, en 6 Septiembre año de 1705. Por el Author de las Noticias Reconditas de la Inquizicion, Obra Posthuma. Impresso en Villa-Franca, por Carlos Vero, á la Insignia de la Verdad”.

95 “The answer to it, however, has never been printed, since neither in Spain nor Portugal would the necessary licence have been granted; and the declaration on the title-page, “Impresso en Villa Franca por Carlos Vero, a la Insignia de la Verdad,” is merely ironical.” (*Antiquities of Mexico*, p. 91).

96 “Se presume por ser el estilo del language tan heroyco y tan bien limado que esta es la causa que ha dado motivo á muchos y á mi tambien de dezir ser el Señor H.H. hijo de Londres, el que ha sido el Author de la siguiente Respuesta” (*Antiquities of Mexico*, p. 117).

e não em inglês, dificilmente seria obra do compilador. Portanto, julgamos que esta nota deveria provir do manuscrito que serviu de texto-base à versão reproduzida na coletânea.

O texto de *Respuesta al sermon* é acompanhado de outras notas de rodapé, essas sim redigidas pelo responsável pela edição do volume. Tais notas servem para acrescentar comentários ao texto, alguns até marginais ao sentido do discurso e direcionados para a busca de paralelismos entre judeus e indígenas. É o caso da reflexão sobre um excerto do livro de Ezequiel (17, 3⁹⁷), aludido por Nieto apenas a título de exemplo, no qual o povo judeu é representado alegoricamente por uma águia: “the arms of the Mexican empire were a large eagle with rich plumage, perched upon a tunal tree, with one leg extended as if to pluck off a branch”⁹⁸. As notas de rodapé prestam-se também a demarcar a posição do compilador face ao conteúdo do texto, nomeadamente à interpretação rabínica das Sagradas Escrituras⁹⁹. Afinal, *Antiquities of Mexico* não deixa de ter origem na iniciativa de um aristocrata anglicano. Os comentários (quatro apenas, mas alguns bastante longos) funcionam como uma resposta à resposta, chegando até a adotar um tom de controvérsia¹⁰⁰.

Distintas foram as razões que moveram Moses Mocatta (1768-1857) a traduzir para inglês o sermão e a resposta de Nieto nos anos quarenta de Oitocentos. Oriundo de uma família de corretores judeus de Londres, Mocatta dedicou grande parte da sua vida ao estudo da língua e liturgia hebraicas, bem como de obras de controvérsia religiosa, o que teve reflexo na sua atividade enquanto tradutor¹⁰¹.

Num texto introdutório à edição desta tradução, Mocatta equipara as circunstâncias de produção dos dois textos com as ameaças que então assombravam o Judaísmo em Inglaterra, nomeadamente, os esforços missionários em prol da conversão ao Cristianismo: “Here, societies and branch societies are formed, schools are established for infants and adults, and enormous sums are annually placed at the disposal of mercenary agents to further what the maudlin fanaticism of the days

97 “E disse: Assim diz o Senhor Deus: Uma grande águia de grandes asas, de plumagem comprida, e cheia de penas de várias cores, veio ao Líbano e levou o mais alto ramo de um cedro”.

98 *Antiquities of Mexico*, p. 121.

99 “We have here the declaration of a learned Jew that the Rabbis never depart an iota from the literal interpretation of the text of Scripture; and hence [...] the Bible has caused the Jews to believe for nearly two thousand years in the greatest absurdities. It would, perhaps, have been happy for mankind, if they had never understood the sacred text in a depraved moral and practical sense, as well as in an absurd theoretical one.” (*Antiquities of Mexico*, p. 136).

100 “Inconsistencies in matters of Jewish faith and doctrine are so monstrous, that it would be idle to inquite of the Rabbis, why one of the severest charges which they brought against the ancient oracles was, that their answers were obscure, whilst their famous cabalistic art, as they well know, although derived from the theory of types and founded upon the supposed properties of letters, turns wholly upon equivocations, and was framed with the view of imposing upon the ignorant and credulous” (*Antiquities of Mexico*, p. 137).

101 Além da *Respuesta de Nieto* e do sermão do arcebispo de Cranganor, Mocatta também traduziu do Hebraico a obra .K izzu.k *Emunah* de Isaac ben Abraham de Troki, publicando-a sob o título *Faith Strengthened* (Londres, 1851). Vide Mocatta. In *Encyclopaedia Judaica*. vol. 12. Jerusalém: Keter Publishing House, 1971, col. 198.

calls «the good cause.»¹⁰². Refere-se, em particular, às escolas fundadas por organizações cristãs, como a The London Society for Promoting Christianity amongst the Jews, destinadas a acolher crianças e jovens judeus sob o pretexto de promover a educação entre os mais carenciados, mas cujo principal objetivo era a sua doutrinação nos fundamentos do Cristianismo¹⁰³. Assim, é especialmente aos mais jovens que Mocatta se dirige. A sua instrução religiosa vinha sendo negligenciada nas congregações, tornando-os mais permeáveis ao proselitismo cristão. Mas que ensinamentos poderiam eles retirar destes dois textos? Segundo Mocatta, os argumentos usados pela controvérsia cristã contra o Judaísmo não haviam sofrido grandes alterações ao longo do tempo (“the weapons employed have been invariably taken from the same armory”) e o sermão do arcebispo de Cranganor era um bom exemplo. Por outro lado, “the able reply of the Israelites” também se mantinha perfeitamente válida e capaz de responder a algumas das acusações que se perpetuavam.

A tradução de Mocatta foi impressa em Londres no ano de 1845, embora com poucas cópias e circulação muito restrita. Acabaria por ter maior projeção pública quinze anos mais tarde, quando publicada em Filadélfia por iniciativa do rabi Isaac Leeser (1806-1868)¹⁰⁴. As suas motivações coincidiam com as de Mocatta. Afinal, também nos Estados Unidos, os esforços organizados em prol da conversão dos judeus ao Cristianismo começavam a ter um forte impacto nas comunidades. A resposta passou por um maior investimento na educação, na assistência hospitalar e na filantropia (áreas de atuação do proselitismo cristão), bem como pelo aumento exponencial da edição de literatura de polémica. O rabi Isaac Leeser tornou-se num dos promotores deste movimento. Autor de obras de controvérsia¹⁰⁵, impulsionou os primórdios da imprensa judaica nos Estados Unidos da América¹⁰⁶. *The Inquisition and Judaism*, enquadra-se no projeto editorial do rabi de Filadélfia, iniciado com

102 *The Inquisition and Judaism. A Sermon addressed to Jewish Martyrs on the occasion of an auto da fe at Lisbon, 1705 by the archbishop of Cranganor, also a Reply to the Sermon by Carlos Vero*. Translated by Moses Mocatta. Philadelphia: Bernard & Jones Printers, 1860, p. vi. (daqui para a frente, citado como *The Inquisition and Judaism*).

103 David Katz – *The Jews in the History of England, 1485-1850*. Oxford: Oxford University Press, 2002, p. 370-371. Vide também R. H. Martin – United Conversionist Activities Among the Jews in Great Britain, 1795-1815: Pan-Evangelicalism and the London Society for Promoting Christianity Amongst the Jews. *Church History*. 46 (4) (1977), p. 437-452; Robert Michael Smith – The London Jews’ Society and Patterns of Jewish Conversion in England, 1801-1859. *Jewish Social Studies*. 43 (3-4) (1981), p. 275-290.

104 Comparando a edição de 1860 com um exemplar da de 1845 que se conserva na British Library, verificamos uma forte semelhança. Os frontispícios são idênticos, com exceção das informações sobre a impressão (1845: “London: Printed by J. Wertheimer and Co. Finsbury Circus. 1845.”). A primeira edição inclui ainda um apêndice com a tradução de algumas expressões em latim que se encontra ausente da edição de 1860.

105 Entre as quais, *The Jews and the Mosaic Law* (1834) e *The Claims of the Jews to an Equality of Rights* (1841).

106 Jonathan D. Sarna – The American Jewish Response to Nineteenth-Century Christian Missions. *The Journal of American History*. 68:1 (1981) 35-51; *Idem* – The Impact of Nineteenth-Century Christian Missions on American Jews. In *Jewish Apostasy in the Modern World*. Ed. Todd M. Endelman. Nova Iorque/Londres: Holmes & Meier, 1987, p. 232-254. Sobre Isaac Leeser, vide George L. Berlin – *Defending the Faith: Nineteenth-Century American Jewish Writings on Christianity and Jesus*. Nova Iorque: State University of New York Press, 1989, p. 25-44.

a publicação de *A Series of Letters on the Evidences of Christianity*, conjunto de cartas inéditas redigidas em Londres no século XVIII por um judeu português, Benjamin Dias Fernandes¹⁰⁷. No prefácio, Leeser informava que este seria o primeiro volume de uma coleção de obras de polémica: “I shall meet with so much encouragement as to induce me to issue hereafter more works of the kind, so that this may be «The Jewish Controversial Library, No. 1»”¹⁰⁸. Assim, é nesta “Biblioteca da Controvérsia Judaica” que se inscreve a publicação da tradução de Moses Mocatta do sermão do arcebispo de Cranganor e da resposta de David Nieto, seleccionada por Leeser enquanto uma obra ao serviço da “causa do Judaísmo”¹⁰⁹.

Conclusão

Isaac Leeser representava a ala moderada da reação judaica à emergência do proselitismo cristão nos Estados Unidos da América durante a primeira metade do século XIX. A sua perspetiva sobre a controvérsia religiosa encontrava paralelo nas palavras do prefaciador de *Respuesta al sermon* e até na aproximação de Nieto ao sermão do arcebispo de Cranganor: essencialmente, uma posição de defesa da fé judaica, ao invés de ataque ao Cristianismo. Essa abordagem teria sido também determinante para a incorporação de *Respuesta al sermon* em *Antiquities of Mexico*, obra de raiz anglicana, em sintonia com o sentimento filosemita emergente na Inglaterra oitocentista.

Por outro lado, *Ante exordio* inscreve-se, melhor do que a resposta de Nieto, no cânone da literatura de polémica anti-católica inglesa. A linguagem agressiva e os ataques incisivos aos “ministros do Papitismo” têm paralelo nos escritos de Archibald Bower ou de John Marchant, por exemplo. Porém, a vida de *Ante exordio* começou e acabou na sua primeira edição, enquanto *Respuesta al sermon* foi reimpresso, traduzido, cruzou o Atlântico. A sua autoria, ocultada mas não desconhecida, teria contribuído para essa maior projeção: era a resposta de um rabi contra um (ex-)arcebispo católico, ou seja, uma batalha de argumentos em equilíbrio de forças.

Mas *Respuesta al sermon* não circulou sozinho. Em apenso, o sermão do arcebispo de Cranganor, que ganhara notoriedade em Portugal, passou a ser conhecido noutras paragens, inclusivamente noutra língua. Chegou a Londres possivelmente pela mão de um cristão-novo que ali encontrara refúgio das investidas da Inquisição. Foi entregue ao rabi da Bevis Marks, junto com o desafio de uma resposta. David Nieto aceitou e redigiu uma réplica essencialmente de cariz teológico, sustentada no

107 Benjamin Dias Fernandes – *A series of letters on the evidences of Christianity (as they first appeared in the Occident)*. Philadelphia, 1854.

108 Isaac Leeser – Preface. In *A series of letters on the evidences of Christianity (as they first appeared in the Occident)*..., p. VIII.

109 *The Inquisition and Judaism*, sem página [nota introdutória].

debate entre as interpretações literal (judaica) e alegórica (cristã) do texto bíblico. Mas a resposta objetiva e moderada de Nieto não foi ao encontro de todas as expectativas e assim surgiu *Ante exordio*, não só uma consolidação dos argumentos do rabi, temperada com uma dose mais generosa de ironia e combatividade, mas também um ataque aberto à Inquisição.

Quanto ao sermão do arcebispo de Cranganor, as circunstâncias que envolveram a sua origem cedo passaram para segundo plano, facto também determinado pelo maior impacto da primeira e não da segunda resposta. O teor de *Respuesta al sermon* não é, de raiz, anti-inquisitorial. Enquanto parte do volume oitavo de *Antiquities of Mexico*, os dois textos foram alinhados com a agenda da coletânea: o estabelecimento de um elo comum entre as religiões e culturas judaica e ameríndia. A Inquisição surge como uma entidade algo indiferenciada, a materialização da crueldade e ação repressiva da Igreja Católica. Similar é a perspectiva de *The Inquisition and Judaism*, com a ressalva de que, para Mocatta e Leeser, o alvo já não era diretamente a Igreja Católica, mas sim o proselitismo protestante. O paralelo entre a Inquisição (conversão pela força) e as organizações missionárias (conversão pela doutrinação e filantropia) não é evidenciado de forma categórica, mas o leitor é convidado a tirar as suas ilações. Ambas representam ameaças ao Judaísmo. Porém, os efeitos dessa ameaça, embora não equacionados por Mocatta ou Leeser, permitem uma outra analogia: tal como a Inquisição, involuntariamente, contribuiu para a perpetuação do Judaísmo na Península Ibérica depois da expulsão (de acordo com o autor de *Ante exordio*), também o movimento missionário cristão acabou por obrigar as comunidades judaicas ao desenvolvimento das suas estruturas, nomeadamente no âmbito da educação e da assistência, e a um exercício de autorreflexão sobre os desafios coetâneos. O debate diacrónico entre D. Diogo da Anunciação Justiniano e o rabi David Nieto é, assim, apropriado a um contexto que, embora distinto daquele que esteve na sua origem, não deixa de potenciar analogias. Tanto em Londres, como em Filadélfia do século XIX, a minoria judaica, apesar da liberdade de profissão religiosa e das graduais conquistas cívicas, ainda se sentia alvo das aspirações prosélicas cristãs, ao ponto do discurso das “reliquias do Judaísmo” lhes soar familiar e, quiçá, até inquietantemente próximo.